

Palavras-Chaves: Bruxaria; Pandemia; WitchTok.

INTRODUÇÃO

A pandemia de Covid-19 trouxe, de modo repentino, experiências de sofrimento, adaptações e incertezas em escala global. A crise acabou (re)configurando também novas experiências religiosas e estéticas, desdobramento tanto do voltar-se para si como da verdadeira revolução digital que ocorreu mais acelerada do que o previsto por sociólogos, economistas e pelos gigantes do ramo da tecnologia. O futuro revelará, através de pesquisas, o impacto do distanciamento e isolamento social nas sociedades, e certamente a vigência destas regras veio a influenciar nas novas configurações de experiências espirituais e religiosas. Este trabalho, ao traçar um breve panorama sobre a emergência de práticas ocultistas e de bruxaria no meio virtual em tempos pandêmicos, busca trazer reflexões que agreguem nesse sentido, tendo em vista tratar-se de um fenômeno que a historiografia ainda não se debruçou.

Recentemente, o *boom* de perfis nas redes sociais que tratam de temas ocultistas e de bruxaria, principalmente no aplicativo de mídia social TikTok, chamou a atenção da mídia, revelando um novo segmento mercadológico e geracional. Esse fenômeno de bruxaria e ocultismo virtual ficou então conhecido como ‘WitchTok’, e segundo Esmé Partridge, seria “uma das formas mais virais de espiritualidade virtual” (2021, p.18). Ainda segundo Partridge, foi em 2020 que o movimento atraiu os holofotes sociais, quando um grupo de recém iniciados, supostamente, teriam tentado lançar um feitiço na lua – assunto este cuja origem é duvidosa, não havendo confirmação se seria fato real ou se não passaria de um boato –. A partir desse episódio, a *#WitchTok* “viralizou” (ou seja, popularizou-se de forma muito veloz) e tem cerca de 10,5 bilhões de visualizações na plataforma do *TikTok* (PARTRIDGE, 2021, p.18).

¹ Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.

Mesmo não sendo possível identificar a origem geográfica de seus seguidores/praticantes em função de políticas de privacidade de dados do próprio aplicativo, Partridge (2021, p.18) revela que a partir de estudos de caso, a maioria dos criadores de conteúdo identificam seus seguidores virtuais como sendo majoritariamente mulheres e pertencentes à chamada geração Gen-Z.² Ainda com essas lacunas, tal manifestação merece ser abordada em pesquisas por ser solo fértil de inúmeras e complexas discussões onde temas geracionais, políticos, identitários, sociais e religiosos se entrelaçam de forma única e nova. O próprio termo *WitchTok* evoca explicitamente a bruxaria através do prefixo *witch*, bruxa em Língua Inglesa, porém como será demonstrado ao longo do trabalho, a *hashtag* tem, nessa análise preliminar e no recorte temporal imediatamente pós-pandêmico do ano de 2022, demonstrado que ela se configura com diferentes contornos nos Estados Unidos e no Brasil.

Em solo norte-americano, seus praticantes virtuais, ao serem iniciados, são geralmente chamados de *baby witches*, (PANECASIO, 2020), e a *hashtag*, até o presente momento, ter ficado restrita a práticas mágicas e assuntos reconhecidos dentro das tradições neopagãs.³ Em contrapartida, em solo brasileiro, abarca uma imensa diversidade de religiosidades, práticas mágicas e de espiritualidade que até então não se reconhecem enquanto neopagãs nem como pertencentes a alguma tradição dentro da Bruxaria Contemporânea. Com essa discussão em vista, bruxaria e ocultismo foram os termos escolhidos aqui para tratar dessas práticas de oráculos, feitiços, uso de cristais de cura, plantas e suas propriedades e feitiços diversos, por compreender ambas na perspectiva de Mircea Eliade sobre o “oculto” como:

práticas, técnicas e procedimentos intencionais que: a) fazem uso de poderes secretos ou desconhecidos da natureza ou do cosmos (...) e b) que buscam resultados empíricos, tais como o conhecimento da sucessão dos acontecimentos ou a alteração de seu curso normal” (ELIADE, 1979, p. 5).

Já a escolha do termo bruxaria, evocada na própria *hashtag*, faz referência originalmente às práticas mágico-religiosas de tradições da chamada Bruxaria Contemporânea – conhecida também como Bruxaria Moderna, termo que não deve ser

² Convencionou-se chamar de Geração Z ou Gen-Z uma geração formada pelas pessoas nascidas entre 1996 e 2010, que possui as seguintes características: foi apelidada de “a primeira tribo de nativos digitais” segundo a agência de publicidade *Sparks & Honey*, utilizam plataformas digitais para comunicação, possuem preocupação em mudar o mundo e maior engajamento em causas sociais do que a geração anterior, por exemplo.

confundido com a bruxaria do contexto da Primeira Modernidade, ligada com o diabolismo e com o fenômeno da caça às bruxas na Europa e suas colônias que atingiu seu auge nos séculos XVI e XVII –. Dentre as tradições mais populares da Bruxaria Contemporânea, podemos citar a Wicca.

Tendo como ponto de partida essas práticas e suas manifestações virtuais, pretende-se aqui historicizar e problematizar o fenômeno chamado ‘*WitchTok*’, trazendo reflexões sobre o porquê da emergência dessas manifestações de espiritualidade no contexto pandêmico global, indagando como se configuram essas práticas e quais os desdobramentos desse fenômeno no Brasil e nos Estados Unidos, localidades em que o chamado fenômeno do ‘*Wichtok*’ explodiu, como foi possível perceber nos artigos jornalísticos.⁴ As reflexões são feitas à luz das contribuições de autores de História das Religiões, da Sociologia e da própria esfera neopagã para pensar sobre essas práticas de espiritualidade virtual dentro do contexto específico de crise sanitária e humanitária global. Deste modo, operacionalizamos os conceitos de consciência de totalidade global de Roland Robertson – sociólogo cultural especialista no fenômeno da globalização –, as análises sistêmicas de Edgar Morin sobre os temas do ciclo da vida, morte e renascimento, e as experiências espirituais/religiosas através da perspectiva teórica de Mircea Eliade e de Starhawk – bruxa e escritora, considerada um dos principais expoentes do Neopaganismo pós-década de 80 para analisar o fenômeno do *WitchTok*.

A metodologia proposta consiste em analisar brevemente alguns perfis virtuais do aplicativo TikTok que são produtores desses conteúdos, e que tiveram um aumento exponencial de seguidores e praticantes, bem como as notícias recentes vinculadas ao termo, buscando compreender como os temas do tarô, bruxaria, magia e astrologia estão sendo trabalhados nesse novo segmento de experiência espiritual, à luz dos autores mencionados, enriquecendo os debates sobre religião, globalidade e experiências religiosas em tempos pandêmicos.

⁴ Sobre o levantamento de trabalhos, por ser tema tão recente e estar acontecendo concomitantemente à pesquisa desde artigo, não há até o momento um estudo a nível de Mestrado ou Doutorado no tema no Brasil; tampouco artigos científicos de produção brasileira sobre o fenômeno ‘*WitchTok*’. Há, nos Estados Unidos, um projeto sobre espiritualidade digital que aborda o tema do ‘*WitchTok*’, a saber: PARTRIDGE, Esmé Lily Katherine. **Digital Spirituality: Technological Re-Enchantment in 2020/1? An exploration of Witchcraft and Reality Shifting on TikTok as (post)modern spiritualities existing in Wouter Hanegraaff’s ‘mirror of secular thought’**. Independent Study Project in Religion, Culture and Society. University of London, 2021.

ESPIRITUALIDADE VIRTUAL EM UMA CRISE GLOBAL

Práticas ocultistas como tarô, astrologia, numerologia, uso de magia e a própria bruxaria eclodiram, segundo Terzetti-Filho, em contextos contraculturais como a Era Vitoriana na Inglaterra e a Contracultura da década de 1960 nos Estados Unidos (2012, p. 15). Tempos peculiares repletos de substratos históricos e simbólicos que geraram diferentes formas de experienciar o mundo – a natureza e o sagrado – dentro e fora de si. Segundo Roland Robertson, a complexidade global pode ser delineada em várias fases. O contexto da Contracultura corresponderia à fase V, de incertezas no início da década de 60 e manifestando tendências para a crise no início da década de 90, marcado pela intensificação da consciência de totalidade global, uma situação onde há “acentuação de valores ‘pós-materialistas’, número de instituições e os movimentos globais cresce rapidamente”, bem como o “crescimento do interesse na sociedade civil mundial e na cidadania mundial” (ROBERTSON, 2000, p. 89). Nesse contexto, o autor postula que o que ele chama de “consciência de totalidade global” teve uma expansão.

A crise da pandemia do Covid-19, se analisada pelo viés da tese de Roland Robertson, pode ser interpretada como um momento histórico onde mais uma vez essa consciência de totalidade global sofreu (e ainda estaria sofrendo) uma expansão. A final, em meio a uma crise sanitária, questionamentos morais, éticos, étnicos, políticos, sociais e ecológicos em escala planetária foram mobilizados. Agregando consistência à minha interpretação de Robertson para a conjuntura atual, o interesse pelo oculto já estava começando a aumentar nos Estados Unidos um pouco antes da pandemia Covid-19 eclodir, segundo James Alcock, professor de Psicologia da Universidade de Nova York. Nas palavras de Alcock, o clima político caótico e questões existenciais como a tão temida mudança climática já estariam “assombrando a consciência global”.⁵

Frente a esse momento, emerge algo que é muito mais complexo do que uma hipotética transferência de práticas presenciais para práticas mediadas pela internet de forma virtual: o que ocorre são novas configurações nessas práticas de religiosidade, que chamaram a atenção de um diferente público que não era neopagão e nem frequentava *covens* presenciais.⁶

⁵ Enrevista feita pela CNN e disponível em BOHRA, Neelam; WILLINGHAM, A. J. ‘Wichtok’: o novo fascínio pela astrologia e o ocultismo na era do TikTok. CNN Brasil. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/wichtok-o-novo-fascinio-pela-astrologia-e-o-ocultismo/>.

Acesso em 03/08/2021.

⁶ O termo *coven* consiste normalmente em um grupo de praticantes Wicca que se reúnem para a realização

Sabe-se que encontrar em números a quantificação dos neopagãos no Brasil é um desafio. Por exemplo, os praticantes de Wicca – uma das mais expressivas tradições Neopagãs – foram, como é possível ver pelo IBGE, incluídos no grupo "outras religiosidades" e no grupo "não determinadas", estando então dissolvidos e silenciados nessa pesquisa. Eles foram distribuídos entre as tradições esotéricas (74.013 seguidores), outras religiões (11.306 seguidores) ou religiosidade não determinada/mal definida (628.219 seguidores). Mesmo sendo difícil a sua contabilização exata em função dos termos colocados pelo próprio IBGE, percebe-se um crescimento nessas ramificações⁷. Os dados mais paupáveis que existem sobre isso foram trazidos por estimativa pela União Wicca do Brasil, que estima que haja 300 mil praticantes bruxos em território nacional, conforme informado para a mídia, no ano de 2018.⁸

Se faz importante destacar que as práticas ocultistas e associadas à magia, seja de forma mais independente/individual ou dentro de religiões como a Wicca, por exemplo, já se faziam presentes no Brasil e nos Estados Unidos desde a década de 70, quando ganharam mais popularidade, inserindo-se no mercado religioso da Nova Era no fim dos anos 70, onde se mesclou a religião da Deusa com as práticas esotéricas da astrologia (a crença e o estudo da influência dos astros sobre as pessoas), leituras de tarô e terapias alternativas (DUARTE, 2013, p. 210).

Essas práticas – mais relacionadas ao individual, a uma reconexão do ser com e no espaço, uma forma de experienciar a relação entre o microcosmos e o macrocosmos de modo sistêmico – parece, na prática, extrapolar a religião oficial dos indivíduos. E mais: esse aumento exponencial no interesse popular por temas ligados ao oculto se revelou não apenas no aplicativo *TikTok*, mas segundo reportagens, esse aumento de interesse e procura se manifestou também na plataforma do *Twitter*, *YouTube* e nos serviços de consultas virtuais de taro e de previsões astrológicas, fatos constatados em inúmeras reportagens contendo entrevistas com trabalhadoras e trabalhadores do ramo do esoterismo. A exemplo, Kemi Mani, produtora de conteúdo no *Twitter* comenta em um entrevista que teve um salto em relação ao número de seguidores em seu perfil, de 50 mil para 300 mil durante a pandemia. Segundo Relatado por ela, “as pessoas se interessam e se envolvem com astrologia, porque ela desperta uma nova consciência. Quando você

de rituais.

⁷ INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2010.

⁸ A UWB – União Wicca do Brasil é uma associação sem caráter oficial nem regulamentador, formado por seguidores, sacerdotisas e sacerdotes de diferentes tradições neopagãs. Fonte: Uniaowiccadobrasil.org.br. Acessado em 14 de Novembro de 2020.

está e, casa sozinho, os espaços espirituais acabam preenchendo esse vazio. Eles oferecem uma conexão com o mundo para você ver além da matéria”.⁹

Essa nova configuração de práticas espirituais ocultistas – que possui como principal marca o fato de ser virtual –, como utilizado na linguagem dessas plataformas, “viralizou”. Os criadores de conteúdo para o TikTok, ao criar vídeos de no máximo 60 segundos utilizando a hashtag #witchtok estão acumulando mais de 11 bilhões de visualizações.¹⁰

QUE BRUXARIA É ESSA? RITOS E FEITIÇARIA EM MENOS DE 60 SEGUNDOS

O *TikTok* – chamado de *Douyin* na China – é um aplicativo de mídia virtual usado para criar e compartilhar vídeos curtos lançado em 2016 pela empresa de tecnologia chinesa *ByteDance*. O aplicativo ganhou popularidade em 2018, dominando a Ásia e os Estados Unidos e inclusive, naquele mesmo ano, ultrapassando a plataforma do *Facebook*, do *YouTube* e do *Instagram*, tornando-se o aplicativo iOS mais baixado do mundo.¹¹

A *priori*, o aplicativo fora criado para conteúdos triviais, já que fica-se limitado pelo tempo máximo de 60 segundos de duração máxima para cada vídeo, o que parece deixar certos conteúdos mais complexos em xeque. No entanto, o que se viu é que mesmo temas que demandam estudo, leitura, e uma maior seriedade – como ritos e rituais, do âmbito de temas transcendentais e do sagrado –, foram adaptados, talvez ressignificados, para caber dentro dessa temporalidade tão curta. Essa elasticidade na relação com o tempo – tempo acelerado imposto pela modernidade, pelas novas tecnologias e pela própria proposta do aplicativo TikTok acaba destacando-se nesta breve análise como um grande contraste para com a temporalidade de ritos, rituais e de magia cerimonial presentes na Bruxaria Moderna.

Sob as *hashtags* novas e crescentes de #SpiritualTikTok, #AstrologyTikTok e do

⁹ Entrevista completa disponível em Enrevista feita pela CNN e disponível em BOHRA, Neelam; WILLINGHAM, A. J. ‘**Witchtok**’: o novo fascínio pela astrologia e o ocultismo na era do TikTok. CNN Brasil. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/witchtok-o-novo-fascinio-pela-astrologia-e-o-ocultismo/>. Acesso em 03/08/2021.

¹⁰ Informação da página NewsWep. Disponível em: <https://newswep.com/witches-and-occult-practices-are-the-buzz-on-tiktok-but-with-what-dangers/>. Acesso em 30/08/2021.

¹¹ Informação contida na reportagem **The biggest trend in Chinese social media is dying, and another has already taken its place**, da CNBC. Disponível em: <https://www.cnbc.com/2018/09/19/short-video-apps-like-douyin-tiktok-are-dominating-chinese-screens.html>.

tão difundido #WitchTok que engloba todas as demais nomenclaturas e manifestações de ocultismo e sincretismos religiosos, muitos são os questionamentos para esse novo fenômeno: como o WitchTok dialoga com os movimentos Neopagãos e vice-versa? Porque já foi possível identificar que existem tensões e atritos entre praticantes neopagãos de longa data, de outras gerações e que não utilizam o TikTok para exercerem sua religiosidade, como explícito na página de um dos sites visitados que debatem a questão nos Estados Unidos.¹²

Curiosamente, o tema da morte que tanto abundou os noticiários e a mídia na pandemia é tema central no Neopaganismo, sendo ponto fulcral nessa experiência. Teria esse misticismo ligado às questões transcendentais como a morte, a proximidade com ela e o aumento do medo da morte, se entrelaçado para trazer à tona o fenômeno da bruxaria e do ocultismo virtual? Segundo Gerald Gardner, chamado de o “pai” da Bruxaria Contemporânea:

Os poderes invisíveis que mais interessaram o homem nos primórdios de sua história foram os poderes da fertilidade e do contato com o espírito do mundo; da Vida e da Morte. Esses são os poderes básicos que se tornaram as divindades das bruxas e sua adoração é tão antiga quanto a própria civilização (GARDNER, 2004, p. 21).

A Vida e a Morte nos remetem a um aspecto da globalidade. Para Robertson (2000, p. 114) essa globalidade seria uma “circunstância de verter consciência do mundo como um todo, incluindo o aspecto da própria espécie”. Pelo que foi possível perceber nas fontes, a percepção cíclica da vida e da morte parece ser um dos pontos chave para a cosmovisão neopagã. E a palavra “consciência” é bem recorrente nos discursos englobados pelo fenômeno do WitchTok.

Segundo Edgar Morin (1997, p. 16), “a morte se situa exatamente na articulação bio-antropológica. É o traço mais humano, mais cultural do Anthropos”. Por isso a morte seria ao mesmo tempo “cerne da vida” e “fecundidade” (MORIN, 1997, p. 298). A cosmovisão neopagã se baseia justamente nessa ideia central, como é possível ler neste trecho em que Gardner descreve o que foi lido no início de um rito de iniciação que presenciou: “Ouça as palavras da Grande Mãe, que antigamente foi chamada pelos homens de Ártemis, Astarteia, Diana (...) Pois sou uma deusa graciosa, dou alegria à terra

¹² Divergências de opiniões e polêmicas sobre o tema disponível em www.vice.com/en/article/qj4w35/witches-explain-tiktok-rumour-about-hexing-the-moon. Acesso em 10/09/2021.

(...) durante a vida; e após a morte, a paz inexprimível” (GARDNER, 2019, p. 45).

A perspectiva de Joseph Campbell que dá ênfase na experiência humana dentro da narrativa mitológica se faz interessante. Para Campbell, mitos são narrativas que interpretam o significado da natureza por meio da experiência humana de vida (CAMPBELL, 1991, p. 15), logo, traz consigo mistérios elementares (vida e morte) para o nível consciente. Esses mistérios são melhor compreendidos dentro das cosmovisões religiosas quando lançamos mão da perspectiva da Complexidade de Edgar Morin, por serem temas transcendentais e da condição humana (SILVEIRA; COSTA; SAGREDO, 2019). O pensamento ou conhecimento complexo significa o conhecimento pertinente que deve enfrentar a complexidade; quando se reconhece que elementos diferentes são inseparáveis constitutivos do todo (como o econômico, o político, o sociológico, o psicológico, o afetivo, o mitológico), e há um tecido interdependente, interativo e inter-retroativo entre o objeto de conhecimento e seu contexto, as partes e o todo, o todo e as partes, as partes entre si. Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade (MORIN, 2000, p. 38).

A mitologia é uma presença muito marcante nos conteúdos marcados com a #WitchTok, tanto no Brasil como nos Estados Unidos. É possível ver nos conteúdos produzidos, panteões de deuses de várias culturas sendo evocados, principalmente divindades femininas como por exemplo Hécate – a deusa da Antiguidade Greco-Romana difundida através dos Oráculos Caldeus do segundo e terceiro século da nossa Era ligados à doutrina da Teurgia; conhecida como a Senhora das Encruzilhadas, noturna, lunar, soteira, tricéfala, ligada ao submundo e que possui muito protagonismo dentro da Bruxaria Contemporânea –. Deste modo, leituras de hinos, invocações solicitando proteção ou auxílio, além de feitiços, são temas explorados nesses conteúdos difundidos pela *hashtag*. Outros conteúdos evocam os conceitos de consciência, como mencionado anteriormente, além de conexão e reconexão com aspectos do sagrado, como os vídeos contendo “receitas” rápidas para se alcançar desejos, utilizando alguns elementos básicos da magia cerimonial como velas com cores específicas e pedras e cristais particulares.

Quando nos detemos sobre a produção de conteúdo geral sob a #WitchTok no Brasil, é possível perceber que se constitui de um novo campo de disputas de poder e narrativas ainda inexplorado nas Ciências Humanas. Em um exemplo de hibridismo religioso, a *hashtag* aparece em vídeos de práticas de religiosidades de matriz Africana, gerando inclusive debates acirrados entre alguns usuários da Plataforma do TikTok em torno da polêmica: seriam as práticas religiosas de matriz Africana Neopagãs?

Curiosamente, fora do ambiente virtual, as religiões de matriz Africana no Brasil e seus praticantes não se consideram bruxos e possuem, em termos históricos, origens bem diferentes daquelas da Bruxaria Contemporânea que emergem a partir da década de 1960. Vale ressaltar que, historicamente, a relação entre a bruxaria diabólica – que ainda está presente no imaginário social e que gera ainda estereótipos, preconceitos e intolerância religiosa – e religiões de matriz Africana se fez muito presente no Brasil colonial e na Primeira República. Tais práticas já foram criminalizadas na nossa história, e até hoje rendem inúmeros debates ainda necessários para desconstruir tais estereótipos negativos e estigmas sociais. Logo, é muito peculiar e interessante perceber que no meio virtual, se tem buscado essa aproximação com o termo bruxaria.

Para além dessa observação, em solo brasileiro também a configuração da própria bruxaria possui diferentes características, tendo sido por muitas tradições e adeptos, moldada para a realidade brasileira e seu mosaico e legado cultural africano e indígena, dialogando diretamente o panteão neopagão com orixás, por exemplo, como já trabalhado em estudos na área de Ciência da Religião. No entanto, o fenômeno virtual traz a novidade exatamente no movimento contrário: são (alguns) praticantes e produtores de conteúdo virtual de religiões de matriz Africana que passaram a reivindicar, ao que parece, o *status* de bruxaria através do uso da *hashtag*.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O fenômeno tão recente e complexo do *Witchtok* possibilita, na atual conjuntura, tecer mais questionamentos do que afirmações em torno dele, dos perfis de seus praticantes e dos futuros impactos dessa nova modalidade de espiritualidade no âmbito social e geracional. Teria essa espiritualidade virtual alguma possibilidade de substituir o contato físico com a natureza, tão sacralizada dentro da Bruxaria Contemporânea, para essa nova geração de praticantes virtuais?

Como movimento de apropriações culturais e históricas, e identificando o fenômeno sob a ótica do conceito de hibridismo, se faz interessante também percebê-lo como parte de um processo de resistência, apesar das críticas que já se fazem sobre a disseminação popular de certas práticas mágicas e sobre a questão do curto tempo exposto – que pode ser, para alguns, uma virtude, e para outros, um perigo –. Levando em conta que estes debates estão abertos em função do fenômeno ser tão recente, por agora ficamos limitados a reconhecer sua complexidade.

Será necessário uma pesquisa mais longa e mais densa, que se proponha a fazer estudos de casos, comparando os perfis, analisando as *hashtags* – que são novas fontes para os historiadores e historiadoras que forem se debruçar sobre essa problemática – e que, para dar conta da complexidade da questão a nível fenomenológico, terão de recorrer a um olhar inter e transdisciplinar sobre o objeto.

Ficam questionamentos também referentes a que tipo de religiosidades estão sendo evocadas nessas manifestações do WitchTok? Já que a prática dialoga diretamente com bruxaria, como em suas *hashtags* e nos nomes dados aos novos praticantes como *baby witches*, fica a pergunta: como essas práticas ocultistas e de bruxaria dialogam com os praticantes do Neopaganismo e da Bruxaria Contemporânea de outras gerações? Como esses praticantes percebem a popularização virtual e sem iniciação dessa nova geração?

Como bem demonstrado por Naira J. Teixeira (2021) em sua tese na área de Saúde Global e Sustentabilidade, a cosmovisão das tradições da Bruxaria Contemporânea convida a experimentar uma cultura de (auto)cuidado e cura, pensados a partir de aspectos físicos, mentais, emocionais e espirituais, abrangendo o nível individual (do microcosmos) e coletivo em perspectiva planetária (macrocosmos) de forma integrada e holística. Na esteira das teses de Edgar Morin acerca dos saberes necessários para enfrentar crises globais deste Antropoceno em que vivemos e seus desafios, sejam de ordem sanitária ou ecológica, e retomando a abordagem de Roland Robertson, essa experiência pandêmica que expandiu os horizontes da consciência de globalidade, podemos interpretar o fenômeno da #Witchtok como um processo de tentativa de cura? Poderíamos também, ao analisar os aspectos relativos a construção de identidades, trazer os Estudos Decoloniais para este diálogo?

A partir das reflexões e questionamentos, torna-se possível conjecturar que o aumento do interesse e desejo em diferentes níveis, por vivências mais holísticas e integrativas, propondo protagonismo e experiências de caráter mais individuais, teve relação direta como o substrato simbólico e cosmovisões das religiões iniciáticas, das práticas ocultistas e das várias manifestações de espiritualidade mais conectadas a questões da natureza e que, de alguma forma, pessoas se voltaram para si no intuito de (re)pensar suas experiências e vivências no mundo.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Kallyne Fabiane Pequeno de. **Wicca, religião e natureza: bruxaria e espaços sagrados no Brasil**. Dissertação (Mestrado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

BOHRA, Neelam; WILLINGHAM, A. J. **‘Wichtok’: o novo fascínio pela astrologia e o ocultismo na era do TikTok**. CNN Brasil. Disponível em <https://www.cnnbrasil.com.br/tecnologia/wichtok-o-novo-fascinio-pela-astrologia-e-o-ocultismo/>. Acesso em 03/08/2021.

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Athena, 1991.

CASTRO, de. Dannyel. Estudos sobre Neopaganismo no Brasil. In: **Fragmentos de cultura**. Goiânia, v. 27, n. 3, p. 440-454, jul./set. 2017.

CHEN, Qian. **The biggest trend in Chinese social media is dying, and another has already taken its place**”. CNBC. Disponível em <https://www.cnbc.com/2018/09/19/short-video-apps-like-douyin-tiktok-are-dominating-chinese-screens.html>. Acesso em 13/06/2022.

DUARTE, Janluis. **Reinventando tradições: Representações e identidades da bruxaria neopagã no Brasil**. Tese de doutorado. Brasília: UNB, 2013.

ELIADE, Mircea. **Ocultismo, bruxaria e correntes culturais: ensaios em religiões comparadas**. Belo Horizonte: Interlivros, 1979.

GARDNER, Gerald. **A bruxaria hoje**. São Paulo: Madras, 2019.

HUTTON, Ronald. **The Triumph of the Moon: A History of Modern Pagan Witchcraft**. New York: Oxford Press, 1999.

MORIN, Edgar. **O homem e a morte**. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____. **Os sete saberes necessários à educação do futuro.** São Paulo: Cortez, 2000.

PANECASIO, Steph. **TikTok witches are fighting for the online future of witchcraft.** CNET.COM, 2020. Disponível em <https://www.cnet.com/news/tiktok-witches-fighting-for-the-online-future-of-witchcraft/>. Acesso em 03/08/2021.

PARTRIDGE, Esmé Lily Katherine. **Digital Spirituality: Technological Re-Enchantment in 2020/1? An exploration of Witchcraft and Reality Shifting on TikTok as (post)modern spiritualities existing in Wouter Hanegraaff's 'mirror of secular thought'.** Independent Study Project in Religion, Culture and Society. University of London, 2021.

ROBERTSON, Roland. **Globalização: teoria social e cultura global.** Vozes: Petrópolis, 2000.

SILVEIRA, A. D.; COSTA, D. L.; SAGREDO, R. A importância dos Mitos Orientais sobre a morte para a compreensão da Condição Humana. **Revista Brasileira de História das Religiões**, Ano XI, n. 33, 2019. p. 71-97.

TEIXEIRA, Naira Juliane. **(Auto)cuidado, cura e sustentabilidade entre bruxas e bruxos contemporâneos em São Paulo.** 2021. Tese (Doutorado em Saúde Global e Sustentabilidade) – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2021.

TERZETTI FILHO, Celso Luiz. **Um bruxo e seu tempo: as obras de Gerald Gardner como expressões contraculturais.** Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2012.